



QUEM SOU EU?

ACREDITO QUE A VISÃO obscura que muitas pessoas têm sobre esta questão é um dos grandes entraves ao real aproveitamento de nossa passagem pela Terra. A maioria das pessoas acredita, erroneamente, ser o seu Eu encarnado, o seu corpo, a sua “casca”, quando, na verdade, essa está apenas servindo de veículo para a sua real identidade, o Espírito, durante uma encarnação. A questão é, então, saber quem realmente somos, e a ilusão dos rótulos das “cascas” é um grande obstáculo na obtenção do sucesso encarnatório.

Somos uma Consciência, que anima um Ser, e que constrói um corpo físico para tornar-se visível e viabilizar a nossa passagem por aqui. É como quando vamos ao fundo do mar, colocamos um escafandro, mas não somos o escafandro, estamos dentro dele. O nosso corpo físico é construído para que nosso Espírito possa passar um tempo aqui, e é feito de acordo com a gravidade, pressão atmosférica e temperatura deste planeta. O grande

equívoco do Espírito encarnado é esquecer que é um Espírito e acreditar ser o corpo.

Após nosso último desencarne, permanecemos no Astral um tempo, que pode ser mais ou menos longo, até a nossa Consciência vir animar um novo corpo físico, e voltamos a vivenciar o chão. Existe nisso uma finalidade e se nós soubermos qual é ela, se pelo menos pensarmos nisso, estudarmos o assunto, facilitaremos bastante a obtenção do sucesso almejado nessa passagem. Se não soubermos para o que o nosso Espírito desceu novamente, se nem lembrarmos que somos um Espírito reencarnado, estamos sujeitos a nos perdermos nas teias das ilusões, nas armadilhas da vida terrena. Mas também tenho observado que muitas pessoas que acreditam em Reencarnação costumam raciocinar teoricamente sobre isso, de um ponto de vista religioso e não em termos práticos, cotidianos, na sua vida diária, e é também sobre isso este livro.

A finalidade da Reencarnação é continuarmos o caminho evolutivo interrompido no derradeiro desencarne, a nossa busca de evolução, de purificação, o que quer dizer aumentarmos a nossa capacidade de amar e doar-se aos outros, de servir, nos libertarmos do ego-centrismo, o que elevará a nossa frequência vibratória, o nosso grau de pureza. Mas no dia a dia, poucas pessoas sabem como atingir essa meta, pois não têm claro o que seu Espírito veio melhorar, do que veio curar-se, do que deve libertar-se, quais as características negativas de sua personalidade que estão aqui trabalhando, enfim, o que

realmente oportunizará a evolução do seu Espírito nessa atual passagem.

Acredito que isso ocorre porque, geralmente, nós somos reencarnacionistas nos locais religiosos que frequentamos, em casa lendo nossos livros espiritualistas, assistindo palestras etc., mas no nosso cotidiano, no dia a dia, nos negócios, na luta pela sobrevivência, no nosso ganha-pão, costumamos raciocinar e nos comportar esquecendo que somos reencarnacionistas, pelos condicionamentos de uma sociedade baseada no culto aos falsos valores, materiais, superficiais, externos, perecíveis, numa apologia do lazer e do passatempo. A nossa sociedade ainda está muito voltada para o passatempo e pouco para o aproveita-o-tempo.

É preciso ser um reencarnacionista no cotidiano e, com isso, conseguir cumprir sua missão individual evolutiva e verdadeiramente aproveitar a encarnação, obter sucesso nessa passagem e evitar se perder nas armadilhas ilusórias terrenas.

Comparemos a nossa postura e modo de agir quando estamos no nosso dia a dia e quando estamos em um local religioso. No cotidiano, afloram o nosso egoísmo, a nossa agressividade, o nosso orgulho, o nosso autoritarismo, a nossa tristeza, a nossa mágoa, a nossa insegurança, os nossos medos etc. Mas num local religioso, calmo, como nos sentimos bem! Ali o egoísta esquece o seu egoísmo, o agressivo perde a sua agressividade, o orgulhoso recorda-se da humildade, o autoritário torna-se solidário, o impaciente parece paciente, o triste, alegra-se,

o magoado, esquece as suas mágoas, o inseguro, adquire segurança, o medroso, sente coragem etc.

Por isso, estamos aqui, encarnados, para que nos confrontemos com pessoas e situações que façam vir à tona o que devemos melhorar, ou curar, em nós. E aí monta-se o palco das encarnações: o nosso pai, a nossa mãe, a nossa família, a nossa infância, a nossa condição social, a nossa nacionalidade, a nossa cor de pele etc. E por paradoxal que pareça, o que não é agradável, do que não gostamos, geralmente está aí em nosso benefício, pois os fatos “negativos” que aqui encontramos são os gatilhos que fazem aflorar as imperfeições do nosso Espírito, o que viemos melhorar aqui desta vez.

Estamos aqui na Terra para passar por fatos, que, às vezes, nos parecem negativos, a fim de sabermos o que temos de melhorar em nós. Se nós soubéssemos o que fizemos em outras vidas, por que estamos merecendo cruzar por certas coisas... Os fatos desagradáveis, traumáticos da vida, muitas vezes estão aí atuando, potencialmente, a nosso favor, pois podem nos fazer evoluir, melhorar, crescer, mas, claro, se a “casca” souber disso e não sintonizar com a raiva, não se perder na mágoa e outros sentimentos negativos que o Espírito que está dentro dela veio curar. Muitos reencarnacionistas, na sua vida, no seu dia a dia, esquecem essa questão e raciocinam como não reencarnacionistas, e poucas vezes lembram, nos maus momentos do seu cotidiano, que são Espíritos de passagem.

Uma pessoa de baixa estatura talvez tenha vindo para curar o orgulho; uma situação de pobreza pode ser o cenário para a cura de uma tendência de orgulho ou

desonestidade; nascermos em uma família rica pode significar a tentativa de cura da preguiça e do materialismo; um rosto e um corpo belíssimo podem encaixar-se em um projeto de cura da vaidade e da futilidade; um pai ou uma mãe agressivos podem servir para curarmos a nossa própria agressividade ou o nosso medo e insegurança; a falta de pai ou de mãe pode visar curar a nossa tristeza, sentimento de rejeição e abandono congênitos e assim por diante. E também, nessa questão de infância, sempre devemos lembrar da Lei do Retorno.

Os fatos que nos parecem negativos, que vão acontecendo conosco durante a vida encarnada, devem ser focados no que emerge de negativo de dentro de nós, do nosso Espírito, pois aí está a oportunidade de crescimento, de purificação. Mas muitas pessoas apegam-se aos fatos “negativos” e não olham para si mesmos. Devemos olhar mais para o que aflora de negativo de dentro de nós do que para os fatos catalisadores disso, ou seja, cuidarmos de nós.

Não é difícil sabermos o que nosso Espírito veio fazer aqui, desta vez: basta olharmos para as nossas imperfeições, isso é o que nos prende a este planeta e nos faz para aqui retornar, num milenar ciclo reencarnatório. Nós viemos nos curar, mas para isso, precisamos nos conhecer e nos auto-observarmos para detectarmos quando as nossas imperfeições vêm à tona, no enfrentamento dos fatos e das dificuldades da vida, e aí procurarmos evitar o surgimento daquela inferioridade, sublimando a sua manifestação e transmutando-a na qualidade superior que queremos cultivar.

E esse é um trabalho que deve ser realizado todo o dia, todos os dias, durante toda a encarnação, no nosso cotidiano, na nossa casa, no nosso local de trabalho, no trânsito, e não apenas quando estamos em contato com as ideias espiritualistas, nos locais de trabalho espiritual, nas nossas leituras, pois aí é muito fácil parecer ser “perfeito”, aí as nossas imperfeições recolhem-se, ocultam-se, até parece que não existem mais.

O momento de curarmos nossas imperfeições é quando elas aparecem! A raiva deve ser descartada quando percebemos que sintonizamos com ela, a impaciência, quando nos impacientamos, o orgulho quando nos exaltamos, a prepotência quando nos arvoramos a afirmar conhecimentos dos quais não temos ainda condições de saber, a tristeza, quando ficamos tristes, a mágoa, quando estamos magoados, a rejeição, quando nos sentimos rejeitados, a timidez, quando nos escondemos, o medo, quando nos encolhemos, e assim por diante. E toda pessoa ou situação que fizer aflorar algo negativo de dentro de nós é um instrumento de Deus a nosso favor. Essa é uma chave.

Mas devido a uma visão psicológica, oficial, que leva em consideração e investiga apenas essa vida, e então lida com a formação da personalidade, que é uma concepção não reencarnacionista, nós, mesmo sendo reencarnacionistas, nos acostumamos a pensar que temos certas características inferiores de personalidade, problemas emocionais e dificuldades existenciais, devido exclusivamente aos conflitos com nossos pais, aos fatos da nossa infância, às circunstâncias da vida, aos traumas etc. Quantos

reencarnacionistas raciocinam a sua infância como o começo da vida e vitimizam-se, culpam alguns “vilões” (geralmente pai e mãe) pela totalidade de seus defeitos de personalidade e suas imperfeições, esquecendo que são reencarnacionistas, e então, evidentemente, a nossa personalidade não pode ser formada nesta “vida”, pois já existíamos antes, em muitas outras “vidas”, ela é congênita.

A Reencarnação ensina que a personalidade está no nosso Espírito e a nossa infância é cocriada por nós e por Deus. Os pais são responsáveis pelos seus filhos perante Deus e devem perceber quais as negatividades que eles trazem consigo em suas características de personalidade, em seus sentimentos e, com amorosidade, com firmeza, com o bom exemplo, ir procurando, desde cedo, ajudá-los a curar-se delas, incentivando as suas virtudes, as suas qualidades positivas. Alguns pais são mais competentes do que outros nessa arte, e outros agravam ainda mais o que seu filho traz de inferior, são piores que o filho.

Nós somos um Espírito e já nascemos com uma personalidade formada. As nossas imperfeições são reveladas na nossa infância e no decorrer da vida, pelos “vilões”, pelas “situações-vilãs”, que as fazem emergir, não foram criadas por eles. Nunca vi, nas sessões de regressão, uma grande tristeza, mágoa, sentimento de rejeição, de abandono, depressão, timidez, sensação de inferioridade, medo, agressividade, autodestrutividade, orgulho, vaidade etc. que já não estavam lá atrás, nas encarnações passadas, e que, conseqüentemente, apareceram novamente aqui, não devido aos fatos, mas por sua ação de gatilho sobre essas antigas características.

Se lembrássemos mais frequentemente disso, não nos preocuparíamos tanto com o que nos fizeram, ou não fizeram, com o que nos fazem, ou não fazem, e sim com as nossas próprias inferioridades, que vieram conosco, estão no nosso Espírito, ainda inferior e imperfeito, e evidenciam-se nas maneiras emocionalmente equivocadas com que nós reagimos aos fatos “negativos” da infância e do decorrer da vida. Essa é uma das principais propostas da Psicoterapia Reencarnacionista, que vem se estruturando, focada na evolução espiritual, que trabalha com o real aproveitamento da encarnação, a partir da noção da continuação da nossa personalidade, encarnação após encarnação, rumo à Purificação.

Uma das críticas que recebemos é que a Psicoterapia Reencarnacionista não lida com a infância, não valoriza os traumas, as situações conflitantes da infância, as rejeições, os abandonos, os maus tratos, os abusos, as dificuldades financeiras etc. Ou seja, que nós não trabalhamos com mais nada do que a Personalidade Congênita e o aproveitamento da encarnação, e que a infância, para nós, não tem nada de valor no trabalho com os pacientes. Isso é uma crítica sem fundamento. Nós que lidamos com a Reencarnação sabemos que a infância é o recomeço da vida terrena e constituída segundo Leis Divinas e aí está um material importantíssimo para exame do psicoterapeuta reencarnacionista em relação ao seu paciente.

Eu fui pediatra durante muitos anos e trato de muitas crianças no consultório e, evidentemente, não é assim que pensamos. Os fatos da infância nos afetam, sim, e

como! O que nós afirmamos é que os traumas são os traumas, sejam da infância, sejam durante a vida, os dramas são os dramas, as rejeições, abandonos abusos, etc. são questões seríssimas a trabalhar em Terapia, porque marcam profundamente quem passa por elas, mas e as encarnações passadas, e a Lei do Retorno, e a Lei do Merecimento? Por que um Espírito vem filho de um pai agressivo? Por que não veio filho de um pai calmo? Essa pergunta “Por que?” é fundamental para o aproveitamento da encarnação. Geralmente não temos condições de saber, mas podemos conversar teoricamente com as pessoas sobre isso.

E também vemos que os pais são, algumas vezes, os maiores responsáveis pela ampliação das negatividades que seus filhos já trazem consigo ao reencarnar. Um filho reencarna para melhorar uma tendência de magoar-se, sentir-se rejeitado e vem, porque necessita disso, para um pai que tem dificuldade de ser carinhoso, de ter paciência, de entregar-se, e aos poucos aquela antiga mágoa e rejeição vai aflorando... Se esse pai aproveitasse essa oportunidade, ao receber um filho, e procurasse corrigir-se, ser mais atencioso, calmo, presente, seria uma ótima oportunidade para evoluir, melhorar o que tem de melhorar, evoluir espiritualmente, e isso iria fazer com que aquelas negatividades do seu filho fossem diminuindo desde pequeno, e não aumentando. Isso aplica-se também para pais de filhos que nasceram com tendência de sentir a raiva, de rebelar-se, de autodestruir-se. Os pais são responsáveis pela ampliação ou pela diminuição daquilo que seus filhos vieram tratar nessa encarnação. Se

piorarem as coisas, isso pode retornar, em outra encarnação, quando o hoje pai pode vir como filho... E o hoje filho quem sabe foi o pai antes? Ou um patrão cruel? Ou uma mãe que abandonou?

Na noção de Personalidade Congênita encontramos a explicação, em uma mesma família, de um irmão sentir tanta mágoa e outro não, um rebelar-se tanto e outro não, um autodestruir-se e outro não, com a mesma situação familiar. E aí pode estar revelando-se o que cada um dos filhos veio melhorar, ou curar, em si, em seus pensamentos, em seus sentimentos, em sua maneira de ser. Mas sempre deve ser levado em consideração o porquê de um filho vir em um pai agressivo e outro em um pai calmo, um ter uma mãe fria e outro uma mãe carinhosa. Na Psicoterapia Reencarnacionista, nós não começamos os raciocínios na infância, nós olhamos mais para trás, enxergamos a infância como uma continuação, baseada no merecimento, na finalidade, nos resgates, numa oportunidade de lição e crescimento.

Todos os psicoterapeutas percebem, no seu dia a dia, como as pessoas relatam, com tonalidades e intensidade diferentes, as situações de sua infância, com maior ou menor raiva, mágoa, tristeza etc. A Psicoterapia Reencarnacionista chama de Personalidade Congênita a essa maneira individual de sentir e reagir aos fatos e aos traumas, e pode ajudar as pessoas a encontrarem aí a finalidade de sua nova descida para a Terra.

Em nossa infância, uma antiga mágoa, rebeldia, tristeza, etc. revelam-se quando passamos por situações que as fazem aflorar, como, por exemplo, tendo um pai

muito agressivo, uma mãe pouco carinhosa, uma situação de pobreza etc. Elas podem aí até aumentar, amplificar-se, crescer em intensidade, e o que veio para ser curado em nós pode ficar ainda maior na infância. Mas quem trouxe uma tendência de reagir com raiva, sente raiva; quem trouxe tristeza, sente tristeza; quem trouxe medo, sente medo; quem trouxe sentimento de rejeição, sente-se rejeitado; e assim por diante. E a estruturação da infância por Deus não é um castigo ou qualquer outro processo punitivo, é sempre em nosso benefício. A infância é o começo que precisamos.

Muitas pessoas acreditam que suas imperfeições, suas inferioridades, foram criadas aqui, por culpa de alguém, geralmente na infância. Acreditam então que eram Espíritos perfeitos, puros, quando reencarnaram? Evidentemente, algumas vezes adquirimos características negativas numa encarnação, e me perguntam como diferenciar as características negativas de personalidade que trazemos conosco em nosso Espírito das originadas nessa atual encarnação? O que observo nas sessões de regressão é que as nossas características negativas (timidez, medo, tristeza, depressão, mágoa, rejeição, rebeldia, agressividade, orgulho, vaidade etc.) quando são muito fortes e intensas já nos acompanham há muito tempo, são seculares ou milenares, e quando são pouco intensas podem ter-se originado nessa atual infância ou então já estão em um estágio final de cura. Uma grande tristeza é certamente milenar; uma forte tendência de magoar-se, de sentir-se rejeitado, é um sentimento muito antigo; uma sensação de inferioridade, de ser menos do que os outros,

é coisa antiga; e de achar-se mais que os outros, também.

Mesmo que um trauma da infância pareça ter sido tão forte, que originou uma característica de personalidade, um sentimento muito marcante, que desnorteia a vida de uma pessoa, se é muito forte, já veio do passado, e foi reforçado na atual encarnação. Se é de pouca intensidade, talvez tenha começado agora.

É importante para uma pessoa que veio curar um antigo sentimento de rejeição perguntar-se por que o seu projeto reencarnacionista incluiu um pai ou uma mãe não carinhosos, ou ausentes, ou agressivos. E quem cultiva uma desconformidade em ter nascido em uma família muito pobre? Alguém que não se conforma em ter um defeito físico congênito deve questionar-se por que seu projeto reencarnatório incluiu isso. Vejo, nas regressões, pessoas feias que vieram curar a vaidade, pessoas ricas que vieram curar o materialismo, pessoas de “casca” negra que vieram curar o racismo etc.

Uma pessoa veio em meu consultório tratar sua mágoa, por ter sido filha de uma mendiga de rua. Na regressão que fizemos, apareceu que ela havia sido uma nobre na corte da Inglaterra, no início do século, muito orgulhosa, fútil e superficial, e agora reencarnou na miséria para aprender a valorizar o trabalho e cultivar a humildade. Então, o fato de, nessa encarnação, ter vindo nessa situação aparentemente injusta socialmente na verdade é uma situação potencialmente benéfica para a evolução do seu Espírito, pois pode oportunizar um crescimento e uma evolução.

Para, realmente, aproveitarmos nossa encarnação, devemos ficar atentos, no cotidiano, quando as nossas imperfeições se manifestam e, em vez de culpar e criticar os fatos da vida que as fizeram, ou fazem, aparecer, devemos agradecer aos fatos, sejam quais forem, pois nos mostram o que viemos aqui curar, o que ainda não é perfeito e puro em nós. Em outras palavras, as situações “negativas” aí estão para nos mostrar a nossa missão individual, mas enquanto o Eu encarnado não gosta e rejeita essas situações, a sua Essência sabe que elas são potencialmente benéficas dentro do seu projeto de purificação.

E, então, ser reencarnacionista é muito mais do que acreditar em Reencarnação, frequentar um Centro, ler livros sobre o assunto. É viver isso diariamente, de manhã, de tarde, de noite, todos os dias dessa passagem, permanecendo atento aos raciocínios, geralmente equivocados, do seu Eu Inferior e às sábias orientações do seu Eu Superior.

Ser reencarnacionista é reconhecer os seus defeitos, auto-observar-se para detectar quando deve evitar a sua eclosão (mesmo que seja apenas em seus pensamentos e sentimentos), quando os fatos da vida estão lhe mostrando o que veio curar em si, quando as circunstâncias de sua infância e do decorrer da vida evidenciam o que seu Espírito veio fazer aqui, do que veio libertar-se, no que necessita purificar-se.

Pois se as “cascas” não estiverem suficientemente atentas à sua evolução espiritual, se não olharem para os seus próprios “defeitos”, permanecendo focadas nos

defeitos dos outros, ou simplesmente forem vivendo, sem responsabilidade com o crescimento e a purificação do seu Espírito, o aproveitamento da encarnação poderá ficar muito aquém do que poderiam alcançar.

Mas para isso é preciso que estejamos atentos que não somos a nossa “casca” e os seus rótulos: um nome, sobrenome, cor, nacionalidade, gênero sexual etc. Isso não são mais do que verdades aparentes do corpo físico desta encarnação, enquanto que em outras encarnações eram outros os rótulos, diferentes, mas também temporários.

Mas antes que me critiquem por desmerecer tanto a “casca”, eu pergunto: Quem tem o poder de viabilizar essa meta? Quem tem a possibilidade de obter essa tão almejada evolução? Pois, por paradoxal que pareça, essa é uma tarefa da nossa “casca”! Vejam só, a nossa “casca”, a nossa parte menos importante, menos duradoura, descartável, ela é que tem de fazer isso. E isso é óbvio, pois apenas ela é visível, ela relaciona-se com as outras “cascas”, ela vai ao Colégio, estuda, vai trabalhar, namora, casa, tem filhos, dirige automóvel, faz isso ou aquilo, vai para lá e para cá, enfim, mesmo sendo a nossa parte mais inferior, mais ilusória, descartável, é a nossa “casca”, a nossa persona, quem oportuniza o processo da vida encarnada, e é a responsável, então, pela obtenção ou não da evolução almejada pelo Espírito.

Ela é orientada pelos nossos pensamentos e sentimentos, e aí temos de perceber se ela está sob o comando do Espírito ou assumiu o próprio comando. Ou seja, ela é obediente ou desobediente? Então, a grande questão é: A quem a “casca” obedece? E aí entra novamente a questão

do “Quem sou eu?“, pois se a “casca” acreditar que é ela mesma, se perder-se nessa miopia, poderá enredar-se nas teias das ilusões, nas armadilhas da encarnação, e tenderá a passar sua vida lutando por objetivos medíocres, tentando obter conquistas imediatistas, satisfatórias apenas aos seus cinco sentidos físicos, enredada nos falsos valores que apregoa nossa sociedade materialista, imediatista, que acena com conquistas sem sentido, passageiras, e vitórias sem mérito, sem uma recompensa real.

Quando uma “casca” acredita que é o centro do espetáculo, pode começar a desperdiçar a encarnação do seu Espírito, pois bloqueia a orientação do seu Eu Superior, que é quem deve lhe guiar pelos labirintos da encarnação. Um dos principais objetivos dos meus livros é sugerir às “cascas” leitoras que é conveniente que encontremos nosso Mentor Espiritual, para sermos orientados e também procurarmos, dentro de nós, a nossa verdadeira e eterna Essência, que espera que façamos as coisas certas, que sobreviverá após a nossa morte física, que já fabricou inúmeras “cascas” antes, em outras encarnações, continuará fazendo outras mais adiante, e que está a todo momento, como se diz em linguagem esportiva, “torcendo” por nossa “casca” atual.

Quem sou eu? Certamente não sou a minha “casca”, estou dentro dela, desta vez, nesta encarnação. Não sou homem, não sou branco, não sou médico, não sou brasileiro, não sou filho dos meus pais, não sou marido da minha esposa, não sou pai dos meus filhos. Eu sou muito mais do que isso, sou um Ser movido por uma Consciência, já estive em muitos outros corpos físicos

antes, sei para o que reencarnei, o que vim fazer aqui e o que espero que a minha “casca” atual faça, em meu benefício e dela mesma, em meu proveito e dela mesma, em meu nome e dela mesma. Desta vez, apenas desta vez, ela se chama Mauro Kwitko, aprendendo a Arte da Submissão.

Então, perguntem-se nesse momento: as suas “cascas” sabem disso? Costumam lembrar disso frequentemente? Elas conseguem colocar-se em seu devido lugar, de veículo do seu Espírito neste Plano, desta vez, numa postura correta de obediência aos desejos de sua Essência, de um serviçal às suas ordens? A sua “casca” é obediente?

Muitas “cascas” já descobriram essa verdade, mas muitas ainda não pensaram com profundidade nessas questões e, provavelmente, acharão engraçado eu afirmar que elas não são homem ou mulher, que não são brancas ou negras, que não são de nenhum país, de nenhuma religião, que são quase como ilusões ambulantes, animadas por uma Consciência eterna. A resposta para a questão “Quem sou eu?” não é difícil de ser respondida, ela é difícil de ser aceita.

Sendo, então, a minha “casca” apenas o representante visível do meu Ser neste mundo, o que ela deve fazer para Me servir, para colaborar Comigo? Em sua curta existência por aqui, de 80 ou 90 anos, deve ter bem nítida a sua função, qual a sua missão, o que o seu Orientador interno espera dela. E isso não é difícil de saber, pois se nós reencarnamos para purificar nosso Espírito, o que a “casca” deve fazer é simplesmente, nesta atual encarnação, ajudar a sua Consciência a continuar

na sua busca de evolução. E isso é, sem nenhuma dificuldade de entendimento, buscar a melhoria, ou cura, dos nossos defeitos e imperfeições. E é o que viemos fazer aqui, desta vez, novamente, ou seja, continuarmos o serviço.

A Psicoterapia Reencarnacionista, a Reencarnação no consultório psicoterápico, afirma que os fatos são os fatos, mas o que precisamos fazer é detectar a nossa maneira negativa de sentir e reagir a eles, pois aí estão as nossas imperfeições e impurezas, o que precisamos melhorar, ou curar em nós. Fazer uma análise apenas a partir do início dessa vida atual, vitimar-se por sua infância ou sua vida, acreditar que sua tristeza, depressão, mágoa, ressentimento, timidez, medos, falta de confiança, irritação, agressividade, autodestrutividade etc. originaram-se atualmente é um raciocínio limitado, pois cria um sério obstáculo na meta evolutiva de purificação dessas imperfeições, além de, claramente, negar a Reencarnação.

Quem quiser aproveitar melhor a sua atual encarnação, diga para si mesmo: eu sou como sou e tenho essas inferioridades e imperfeições porque ainda não sou um Espírito evoluído o suficiente para não tê-los. Mesmo que seu pai ou sua mãe não tenham tido a habilidade, a capacidade, de diminuir o que veio para melhorar em seu filho, você reagiu aos fatos de sua infância e reage aos fatos da vida ao seu modo, e se é um modo negativo, isso é seu, brota de dentro de si e não dos fatos, e aí está evidenciado o que deve melhorar, o que veio fazer aqui, desta vez. Esforce-se dia após dia para voltar para casa melhor do que veio. E não esqueça que a infância é

estruturada por Deus e nós dentro Dele. Numa encarnação, quanto mais velhos ficamos, devemos ficar melhores, mais puros. A “casca” ficando velha, o Espírito evoluindo, assim é que deve ser.